



### **Gestação na Adolescência: As Perspectivas de Futuro destas Jovens Mães**

*Daiane Fernandes Felipe<sup>1</sup>, Luciane Bisognin Ceretta<sup>2</sup>, Lisiane Tuon<sup>3</sup>,  
Priscyla Waleska Targino de Azevedo Simões<sup>4</sup>, Rafael Zaneripe de Souza Nunes<sup>5</sup>,  
Graziela Amboni<sup>6</sup>, Karin Martins Gomes<sup>7</sup>*

**Resumo:** A gravidez na adolescência tornou-se um grave problema de saúde pública, podendo causar sérios comprometimentos físicos e psicológicos, tanto para a mãe quanto para o filho. A partir dessa problemática, objetiva-se identificar as características psicossociais, vulnerabilidades e anseios na vida destas adolescentes. Trata-se de um estudo observacional, descritivo e com uma abordagem qualitativa. Foram realizadas entrevistas com 41 adolescentes de 13 a 19 anos em um município do Sul Catarinense. A interpretação dos dados ocorreu a partir da técnica de análise de conteúdo, disponibilizadas e discutida em quatro tabelas. Através dos resultados apresentados foi possível concluir que maioria destas adolescentes deseja continuar seus estudos e adentrar no mercado de trabalho, entretanto, tais anseios muitas vezes se apresentam de maneira conflituosa com a nova vida estabelecida durante e após a gravidez, dessa forma, em certas circunstâncias, seus objetivos acabam sendo projetados na vida de seus filhos.

**Palavras-chave:** Saúde Coletiva; Impacto Psicossocial; Gravidez; Adolescente.

### **Teenage Pregnancy: The Future Prospects of These Young Mothers**

**Abstract:** Teenage pregnancy has become a serious public health problem and can cause serious physical and psychological impairment for both, mother and child. From this problematic, the main goal is to identify the psychosocial characteristics, vulnerabilities and longings in these teenagers lives. This is an observational, descriptive study with a qualitative approach. Interviews were conducted with 41 adolescents from 13 to 19 years old in southern city of Santa Catarina. Data interpretation was performed by using the content analysis technique, available and discussed in four tables. From the results presented, it was possible to conclude that most of these teenagers want to continue their studies and enter in the job market, however, such wishes often present conflict with the new life established during and after pregnancy, thus, in certain circumstances, their goals end up being projected into their children lives.

**Keywords:** Public Health; Psychosocial Impact; Pregnancy; Adolescent.

<sup>1</sup> Graduada em Psicologia e Especialista em Atenção Básica/Saúde da Família, Universidade do Extremo Sul Catarinense. daiane.fernandesfelipe@yahoo.com.br;

<sup>2</sup> Graduada em Enfermagem e Doutora em Ciências da Saúde, Universidade do Extremo Sul Catarinense. Reitora da Universidade do Extremo Sul Catarinense. luk@unesc.net;

<sup>3</sup> Graduada em Fisioterapia e Doutora em Medicina e Ciências da Saúde, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Coordenadora das Residências Multiprofissionais em Saúde Coletiva, Atenção Básica/Saúde da Família e Saúde Mental pela Universidade do Extremo Sul Catarinense. ltb@unesc.net;

<sup>4</sup> Graduada em Ciências da Computação e Doutora em Ciências da Saúde, Universidade do Extremo Sul Catarinense. pri@unesc.net;

<sup>5</sup> Graduado em Psicologia pela Universidade do Extremo Sul Catarinense. Psicólogo Residente pela Universidade do Extremo Sul Catarinense. rafaelzaneripe.psico@gmail.com;

<sup>6</sup> Graduada em Psicologia e Mestre em Ciências da Saúde, Universidade do Extremo Sul Catarinense. Coordenadora do Curso de Psicologia - Universidade do Extremo Sul Catarinense. gam@unesc.net;

<sup>7</sup> Graduada em Psicologia e Doutora em Ciências da Saúde, Universidade do Extremo Sul Catarinense. Coordenadora do Curso de Psicologia - Universidade do Extremo Sul Catarinense. karin@unesc.net.

## Introdução

Conforme a Organização Mundial de Saúde (OMS) a adolescência é o período da vida que ocorre entre dos 10 aos 19 anos (CERQUEIRA-SANTOS et al., 2010). Esta pode ser definida como uma etapa do desenvolvimento e de maturação entre a infância e a idade adulta, e é caracterizada por importantes mudanças nos aspectos fisiológicas e psicossociais. De acordo com Ferreira et al. (2014) nessa etapa da vida ocorrem modificações físicas e psicossociais, em que os adolescentes passam a apresentar novos desejos, curiosidades e dúvidas, que se intensifica com a descoberta do próprio corpo e do prazer sexual, ocasionando assim potenciais riscos para uma gravidez indesejada.

A gravidez na adolescência se tornou um grave problema de saúde pública, pois pode causar sérios comprometimentos biológicos e psicológicos, tanto para a mãe quanto para o filho (SOUZA et al., 2012). A gestação nesta etapa da vida pode ser apenas uma resposta à prática da sexualidade, sem apresentar uma maturação psicológica para isso, e uma gravidez precoce implica numa série de mudanças no cotidiano, como também nos aspectos emocionais dessas jovens (MOREIRA e SARRIERA, 2006). Esta pode acarretar diversos problemas, tanto sociais quanto psicológicos, e entre as principais consequências temos à desorganização familiar, o abandono escolar, o afastamento social e do mercado de trabalho, além do abalo emocional gerado no contexto individual e no âmbito familiar (SANTOS et al., 2009).

Para Nery et al. (2011) a falta de um projeto de vida para as jovens de classes mais pobres, demonstra que há poucas perspectivas de futuro, o que resulta no abandono escolar, sendo que algumas destas jovens até reconhecem que a falta de perspectivas de vida, aliada aos conflitos familiares, as levam na busca de maior autonomia, o que muitas vezes se processa em uma gravidez não planejada. Tendo em vista o que foi exposto, o presente estudo tem como objetivo identificar quais são as perspectivas profissionais, sonhos e desejos que estas adolescentes têm para o futuro com relação a sua vida e a do seu filho.

## Método

Trata-se de um estudo observacional, descritivo e com uma abordagem qualitativa. Os dados obtidos foram por meio de uma entrevista individual, com roteiro semiestruturado, buscando verificar as perspectivas de futuro destas adolescentes.

A população deste estudo foi composta por adolescentes de 13 a 19 anos, pautada na definição da Organização Mundial da Saúde (OMS). Sendo que estas adolescentes deveriam ter vivenciado o período da gestação entre os meses de março e dezembro de 2013, além de residir num dos quatro bairros onde foi realizada a pesquisa, pertencentes ao um município localizado no Sul de Santa Catarina.

A escolha dos bairros ocorreu visando aqueles que apresentavam um nível socioeconômico mais baixo, marcados por maior vulnerabilidade, os denominados bairros carentes do município, que além de tudo isso, apresenta um alto índice de adolescentes gestantes. Estas também deveriam ter realizado ou estar realizando o pré-natal na Unidade Básica de Saúde de seu respectivo bairro.

A coleta dos dados ocorreu somente depois da aprovação do projeto de pesquisa pelo Comitê de Ética da Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC, sob o protocolo 349258/2013. Foram excluídas as adolescentes que não se encontravam bem tanto fisicamente quanto psicologicamente para realização do estudo.

A logística ocorreu da seguinte forma: primeiro foram selecionadas às gestantes de cada Unidade de Saúde dos bairros incluídos; foram agendadas as visitas na casa de cada gestante; as visitas foram realizadas em conjunto com as Agentes Comunitárias de Saúde, ou na própria Unidade de Saúde nos dias de consulta do pré-natal.

No primeiro contato com a adolescente e seu responsável, foram apresentados os objetivos da pesquisa e as questões éticas concernentes, em seguida solicitávamos a sua participação na pesquisa mediante a um termo de consentimento livre e esclarecido. Nos casos em que a adolescente era menor de idade, o responsável pela mesma deveria assinar em seu lugar. É importante destacar que por se tratar de uma amostra censitária totalizada de 41 indivíduos e com intuito de manter o sigilo quanto à identidade dos sujeitos da pesquisa, chamaremos as adolescentes de “A.1”, “A.2”, “A.3” e assim sucessivamente.

Em seguida, foi aplicado um roteiro de entrevista semiestruturado composto pelas seguintes questões: Questão 01 - Quais são os seus medos, com relação à vinda desta criança? Questão 02 - Como você imagina o seu futuro? Questão 03 - Qual futuro que você deseja para o seu filho? Questão 04 - Há planos de ter mais filhos? Questão 05 – Com a chegada deste filho sente que mudou alguma coisa em você? Após a realização de todas as entrevistas, as falas foram transcritas e as respostas foram agrupadas em categorias para realização da análise de conteúdo, apresentadas em tabelas.

## **Resultados e Discussão**

A pesquisa foi realizada com 41 adolescentes residentes em quatro bairros de um município do sul Catarinense, com renda familiar variando de R\$ 170,00 a R\$ 3.000,00, e média de R\$ 1.393,55 ( $\pm 796,61$ ). Com relação à condição de moradia 11 (26,8%) das adolescentes possuíam casa própria, o restante ainda morava com os pais ou com os sogros.

Das adolescentes, 26 (63,5%) possuíam 16 a 18 anos de idade. Com relação aos anos de estudo, o mesmo mostrou-se variável, pois 21 (51,3%) apresentaram de 10 a 13 anos de estudo, mas a maioria encontrava-se apenas ingressando o ensino médio. A média da idade foi de 17 anos e a média de anos de estudo das adolescentes foi de 9,7.

Desta forma é importante destacar que da amostra, 34 adolescentes já haviam parado de estudar e 32 ainda não haviam terminado o segundo grau, e 11 destas jovens já se encontravam trabalhando. Com relação a quantidade de puérperas e gestantes adolescentes, apenas 13 (31,7%) das entrevistadas já haviam ganhado a criança.

Para melhor visualização, levando em conta o número da população pesquisada, as categorias de cada questão serão apresentadas em tabelas juntamente com a frequência em que foram respondidas e o percentual obtido. É importante destacar que a maioria das adolescentes relatou mais de uma categoria por questão. Havendo entrevistadas que apresentaram até quatro categorias numa mesma resposta.

**Tabela 01** – Medos das adolescentes no período da gestação

| Quais são os seus medos, com relação à vinda desta criança? | n (%)     |
|---|-----------|
| À hora do parto   | 15 (35,7) |
| Não teve medo   | 10 (23,8) |
| Não ser boa mãe   | 06 (14,2) |
| Medo de perder a criança                                    | 06 (14,2) |
| Medo de a criança nascer com alguma doença                  | 05 (11,9) |
| Total   | 46 (100)  |

Fonte: Dados da Pesquisa.

A Tabela 01 é referente aos medos das adolescentes no período da gestação, sendo que nesta questão a categoria que mais se destacou foi “A hora do parto” com 15 (35,7%) em seguida foi à categoria “Não teve medo” com 10 (23,8%) da amostra, já as outras categorias que apareceram, apresentaram-se como preocupação com a vida desta criança, como a categoria “Não ser uma boa mãe”, com 06 (14,2%) das entrevistadas. Em relação à primeira categoria é possível destacar as seguintes falas:

*“Tenho medo só de ganhar (A.4, 15 anos)”. “Medo de ganhar de parto normal.” (A.11, 14 anos) “De não ter força para ganhar, de acontecer alguma coisa de ruim e eu estava certa tive que ter medo mesmo, porque não foi fácil.” (A.32, 17 Anos) “Tive medo de ganhar, é que eu não sabia e todo mundo dizia que a dor era ruim assim... Sabe que doía muito, aí tinha medo, mas só disso, só da dor.” (A.41, 15 anos).*

Segundo Morais et al. (2012) atualmente a maioria das mulheres, apresentam medo sobre o parto vaginal por causa da dor. Tal situação ocorre por causa da divulgação, muitas vezes, exagerada, expressa nos filmes, novelas e outros meios de comunicação, havendo até inclusive um discurso socialmente aceito entre as mulheres de que o parto cesáreo é menos doloroso do que o parto normal. Levando em conta essa questão é possível compreender o medo que essas adolescentes apresentavam com relação à hora do parto, principalmente por estarem na fase da adolescência, no qual o corpo ainda se encontra em desenvolvimento. Uma gestação nesse período acaba se tornando algo bem delicado, e pode apresentar risco de vida tanto para adolescente quanto para o bebê, como podemos observar na fala a seguir:

*“Tenho medo, porque a minha primeira gestação eu ganhei com seis meses, eu acho que foi porque com treze anos o meu corpo não estava todo formado pra ganhar um*

*bebê, e mesmo agora com dezesseis anos, eu tenho medo de que na hora de eu ganhar lá, eu não conseguir.” (A.40, 16 anos)*

A segunda categoria mais relatada pelas adolescentes foi não possuir nenhum medo com relação à gestação. Neste caso foi possível observar que algumas delas já haviam vivenciado uma gestação antes, sem intercorrências, sendo assim, a experiência da segunda gestação se tornou mais tranquila.

Sobre a categoria em que as adolescentes relatam medo de ser uma boa mãe, pode haver uma preocupação sobre o reconhecimento do seu papel de mãe perante o filho, o desejo de ser reconhecida, levando em conta que esta criança pode passar mais tempo com a avó do que com a mãe, pelo fato dessa adolescente ter que voltar a estudar e trabalhar. Nas outras falas, este medo está relacionado a não conseguir desenvolver o papel de mãe no sentido de não saber cuidar da criança.

*“Eu tenho medo de não saber cuidar do bebê, só isso.” (A.20, 19 anos) “Aí eu tenho medo que eu não seja uma mãe assim pra ele, já que ele fica mais tempo com a minha mãe, porque eu voltei a estudar e comecei a trabalhar... E que ele não me... Não me respeite, porque vive mais com a minha mãe do que comigo, esse é o meu medo daí.” (A.21, 16 anos) “Tenho de não conseguir... Cuidar certinho, e como é o primeiro daí o medo é grande, sabe de eu não conseguir cuidar dele certinho.” (A.31, 17 anos)*

Conforme Moreira e Rasera (2010) o papel de mãe, especialmente a de boa mãe, é constituída como alguém que se esforça para responder e executar o que é esperado dela e, desse modo, é visto como uma figura ativa no processo de orientar, educar e desenvolver seus filhos. Através disso, a criança é posicionada como ser passivo e dependente que necessita o máximo de atenção e cuidado.

Sendo assim, o fato de trabalhar fora, estudar ou qualquer outra atividade que desvie a mãe de sua função principal tende a questionar a sua própria capacidade de ser mãe. E ao colocar como função principal da mãe o cuidado com o filho e a ressaltá-la como a única capaz de atender completamente as necessidades da criança, quando esta não consegue assumir este papel a sua imagem de mãe é marcada por sentimentos de culpa, ansiedade, angústia e preocupação constante (MOREIRA e RASERA, 2010).

As outras duas categorias que apareceram foi o “Medo de perder a criança” com 06 (14,2%) e o “Medo de a criança nascer com alguma doença” com 05 (11,9%). Nessas categorias é possível destacar as seguintes falas:

*“Por enquanto que o meu filho tivesse alguma doença, alguma coisa ruim.” (A.12, 18 anos) “Medo de perder, medo que venha com alguma coisa, porque eu fumo cigarro.” (A.14 17 anos) “Ah eu tenho medo de perder, já que agora... Já que agora veio né. Meu medo é de perder ele.” (A.26, 18 anos) “Tive, porque a minha médica falou que a minha filha poderia vim cega e tive medo, e também tive medo da cesárea... Ela falou que minha filha ia ficar cega porque eu tive uma infecção, mas aí eu fiz o tratamento tudo certinho, ela não ficou cega.” (A.37, 16 anos)*

A gravidez na adolescência tem sido associada a um conjunto de fatores de natureza psicossocial que afetam diretamente a vida do bebê como: a falta de assistência no período pré-natal de forma adequada; a maior incidência de patologias durante e após a gestação; e por apresentarem maior chance de adoecerem ou de vir a sofrer algum acidente (ESTEVES e MENANDRO, 2005).

Desta forma, como podemos ver, o medo destas adolescentes é baseado em situações possíveis e reais. Contudo é importante destacar que há estudos que mostram que com a aproximação do parto, as gestantes ficam mais temerosas com relação a sua saúde física e a do bebê (MOREIRA e SARRIERA, 2006).

**Tabela 02** – Expectativas de futuro destas adolescentes

| Como você imagina o seu futuro?               | n %       |
|---|-----------|
| Imagina-se casada, trabalhando e/ou estudando | 27 (47,4) |
| Não pensou no assunto                         | 13 (22,8) |
| O sonho da casa própria                       | 09 (15,7) |
| Cuidando dos filhos e da casa                 | 06 (10,5) |
| Não mudou em nada após nascimento do filho    | 01 (01,8) |
| Não pensa em voltar a estudar                 | 01 (01,8) |
| Total   | 100       |

Fonte: Dados da Pesquisa.

Na Tabela 02 podemos observar as categorias que apareceram na segunda questão sobre como as adolescentes imaginam o seu futuro. Nesta, a principal categoria que se destacou foi “Imagina-se casada”, “Trabalhando e/ou estudando”, com 27 (47,4%) das entrevistadas, onde a maioria apresentou as seguintes falas:

*“Aí e agora, eu me vejo assim... Casada, trabalhando, assim...” (A.6 17 anos) “Já mãe né, mas pretendo voltar a trabalhar, estudar, conforme o tempo passar...” (A.9 18 anos) “Ah não sei, eu me imagino trabalhando né, trabalhando, morando numa casinha boa, casada, bem casadinha, cuidando do meu filho, bem cuidadinho.” (A14, 17 anos) “Ah eu não faço a mínima ideia. Mas, me vejo estudando, fazendo curso, dentro da minha casa e casada.” (A.28, 18 anos)*

Podemos observar nestes relatos que a maioria das adolescentes deseja no futuro estar casada, cuidando do filho, com a família, e algumas até trabalhando. Segundo Stengel e Tozo (2010) existe uma valorização do casamento pelos adolescentes que se articula com a percepção que têm sobre o compromisso e a seriedade, pois para eles uma relação séria seria aquela compromissada, ou seja, na qual há um acerto de regras e obrigações entre os parceiros, compartilhadas por eles e pelo círculo social próximo, incluindo aí familiares e amigos. Sendo que dessa forma, o casamento religioso e/ou civil tende a marcar essa lógica e é uma garantia de um acordo estabelecido entre o casal.

O casamento precoce também pode ser uma solução para jovens sexualmente ativas, ou mesmo grávidas, pois possibilita uma saída pela falta de oportunidades advindas do estudo e do trabalho, buscando através dessa união uma forma de assegurar seu futuro financeiro (NERY et al., 2011). Nas falas acima também foi possível observar que elas não negam a possibilidade de voltar a estudar, e algumas delas fazem até planos para isso, contudo são poucas aquelas que realmente chegam a terminar o estudo, pois os cuidados com o filho e a necessidade de trabalhar acabam se tornando um empecilho. No entanto apenas uma das adolescentes nega a possibilidade de voltar a estudar.

*“Eu queria está casada e trabalhando e só. Estudar não, porque eu já ia parar mesmo assim, do mesmo jeito.” (A.8, 17 anos) “Bem com o meu filho... Já pretendo ter um marido, e mais pra frente assim, quanto ele tiver maior, voltaria a estudar e quem sabe fazer uma faculdade assim... Faria no caso o magistério, é o que eu quero.” (A.12, 18 anos) “Como dizem daqui uns dez anos assim, mais um filho, eu vou está trabalhando, e adquirindo tudo, as coisas que a gente há de querer. Bom no estudo eu já não ia bem, então eu parei... É eu queria estudar assim, mas sei lá, com um filho e trabalhando fora, será? Será que eu teria tempo?” (A.24, 19 anos)*

De acordo com os autores Harris e Allgood (2009) há uma elevada taxa de evasão escolar pelas mães adolescentes, isso gera muita preocupação, pois não concluir o ensino médio até os 20 anos de idade é um indicador decisivo da pobreza no futuro destas jovens, considerando o fato que as mulheres que se tornam mães na adolescência, juntamente com o filho, estão muito mais propensas a viver na pobreza do que as mulheres que adiaram a gravidez até seus vinte anos e finalizaram os estudos.



A segunda categoria que apresentou maior porcentagem foi “Não pensou no assunto” conforme colocado por 13 (22,8 %) entrevistadas, ou seja, nesta categoria elas colocaram que ainda não tinham parado para pensar ou planejar o seu futuro, mas que provavelmente estariam casadas e trabalhando.

Outras duas categorias que apareceram nesta questão, e que apresentam um grande grau de relevância neste estudo foram “O sonho da casa da própria” com 09 (15,7%) das entrevistadas, e a outra seria “Cuidando dos filhos e da casa”, que foi expressa por 06 (10,5%) adolescentes da amostra, sendo possível destacar as seguintes falas:

*“Eu imagino uma casa pronta, com tudo dentro, tudo novo... E sai dali da beira do valo.” (A.4, 15 anos) “Eu imagino ter a minha casa, criar minha filha, se tiver trabalhando, colocar ela na creche.” (A.7, 16 anos) “Parece que eu já estou imaginando ela caminhando dentro de casa já. Não, só me imagino cuidando dela.” (A.11, 14 anos) “Vejo trabalhando, cuidando do meu filho e espero que até lá na minha própria casa, e não morando ainda na casa da sogra.” (A.22, 13 anos).*

Uma revisão sistemática da literatura revelou que mães adolescentes tendem a ser pobres e cuidar de seus filhos em circunstâncias de extrema pobreza e isso repercute durante toda a sua vida (GYEAW e ANKOMAH, 2013). De acordo com Zhou et al. (2015) no Reino Unido, as mães adolescentes são seis vezes mais propensas a viver numa habitação social, e quatro vezes mais suscetível a viver com uma família que nem sua é. Na amostra encontramos de maneira muito marcante a questão da pobreza e o desejo pela casa própria, isto por causa de suas condições de moradia no momento ou pelo fato de ter que viver na casa dos sogros.

Com relação à categoria “Cuidando dos filhos e da casa”, esse desejo por parte das adolescentes pode-nos levar a hipótese de ser uma representação infantil do “brincar de casinha”, como podemos observar nas falas acima o tom de fantasia sobre suas expectativas com a vinda deste filho. Sendo que as idades destas adolescentes variavam de 13 a 16 anos, é evidente a imaturidade destas para conseguir compreender as dimensões das necessidades reais desta criança a caminho.

Ainda na Tabela 02 há à seguinte categoria: “Não mudou em nada após nascimento do filho”, nesta categoria apenas uma das adolescentes destaca que não houve mudanças em seus planos futuros, por causa da vinda deste filho, como podemos observar na fala a seguir:

*“Não imagino nada de muito diferente do que eu queria antes, só pelo fato de ser mãe agora, vai ser algumas coisas diferentes, claro, eu não posso pensar só em mim agora,*

*Uma coisa é se for pra eu trabalhar e estudar, eu vou ter que pensar nela primeiro, mas nada diferente.” (A.2, 17 anos)*

Tal relato apresenta certa maturidade por parte desta adolescente e foge um pouco daquela fantasia apresentada por algumas das participantes com relação ao casamento ou a criação dos filhos. Para ela, este filho não é um empecilho para aquilo que deseja no seu futuro, entretanto a mesma também não apresenta nenhum plano concreto para o que há de vir.

Quando questionadas se tinham planos de ter mais filhos 14 (34,1%) colocaram que sim, sendo que estas vivenciavam apenas a primeira gestação, e 15 (36,5%) colocaram que não, destas, quatro adolescentes já se encontravam na segunda ou na terceira gestação. Por fim, 12 (29,2%) das entrevistadas não souberam responder, e duas destas já se encontravam na segunda gestação. Segundo Bruno et al. (2009) o baixo nível socioeconômico, a pouca escolaridade por parte da mãe ou do responsável, o casamento precoce, o desejo da primeira gravidez e o uso inadequado de métodos contraceptivos tendem a serem alguns dos fatores relacionados à repetição da gravidez na adolescência, sendo que em muitos casos, engravidam de um novo parceiro.

**Tabela 03** – Futuro que as adolescentes desejam para seus filhos

| Qual futuro que você deseja para o seu filho? Há planos de ter mais filhos? | n %       |
|---|-----------|
| Que o filho estude, faça faculdade  | 29 (34,2) |
| Que o filho tenha um futuro bom   | 19 (22,4) |
| Que o filho trabalhe  | 14 (16,4) |
| Promover uma vida melhor para o filho                                       | 07 (08,2) |
| Que o filho tenha uma vida diferente da dela (mãe)                          | 07 (08,2) |
| Não sabe, nunca parou para pensar sobre isso                                | 07 (08,2) |
| Que ele cresça em outro bairro diferente deste.                             | 02 (02,4) |
| Total   | 85 (100)  |

Fonte: Dados da Pesquisa.

Com relação à Tabela 03 podemos encontrar as categorias sobre o futuro que estas adolescentes desejam para o seu filho. Como podemos observar, a categoria que mais se

destacou foi “Que o filho estude, faça faculdade”, com 29 (34,2%) entrevistadas, ou seja, a maioria delas manifestava o desejo de que seus filhos pudessem concluir seus estudos.

*“Eu desejo que ele faça uma faculdade, termine os estudos, porque eu não sei se vou terminar. Que não tenha filho cedo e se tiver que já tenha a casa dele, que não é fácil morar com a sogra, quero que ele tenha uma vida bem diferente da minha.” (A1, 16 anos) “Que ela estude e trabalhe” (A.5, 15anos) “Que ela se forme como eu não me formei e que ela trabalhe... Que ela tenha uma vida que não tive.” (A.6. 17anos) “Eu quero que eles estudem, e que terminem os estudos, que façam bastante curso, que nem meu tio e a minha tia, eu quero que eles sigam o exemplo deles, não o meu de casar cedo assim e engravidar cedo.” (A.39, 18 anos)*

Observa-se nas falas acima, que elas também representam outras duas categorias, como a “Que o filho trabalhe”, com 14 (16,4%) das adolescentes e “Que o filho tenha uma vida diferente dela”, esta colocada por 07 (8,2%) das entrevistadas. Esta última categoria reflete uma preocupação por parte dessas mães adolescentes sobre o futuro de seu filho, não querendo que este siga o mesmo caminho que o seu.

É possível compreender que estas adolescentes reconhecem que terminar os estudos e fazer uma faculdade tende a promover um futuro melhor para qualquer pessoa, e consideram o fato de que a gestação na adolescência interrompe isso e promove grandes consequências em suas vidas. Contudo, tal situação gera uma dúvida: será que realmente estas adolescentes acreditam nisso ou apenas reproduzem aquilo que tanto ouviram de seus pais ou até mesmo na escola, sobre a importância de concluir estudos e de fazer uma faculdade?

Para tanto é importante destacar que a gestação na adolescência possui uma tendência a partos prematuros, o que faz com que os filhos dessas adolescentes estejam expostos a atrasos no desenvolvimento neuropsicomotor, podendo apresentar dificuldades de aprendizagem, o que contribui com as impossibilidades de posições qualificadas no mercado de trabalho, e desta forma faz persistir as diferenças socioeconômicas e ambientais (MARTINEZ et al., 2011).

Na Tabela 03 a segunda categoria mais colocada pela amostra foi “Que o filho tenha um bom futuro”, apresentada por 19 (22,4%) das participantes. Sobre esta categoria podemos encontrar as seguintes falas:

*“Que ela estude e que ela seja alguém na vida.” (A.7, 16 anos) “Um futuro bom... Que ele estude, pra ser alguém na vida, que ele faça um curso, coisa que eu não quero, mas eu quero que ele faça no meu lugar, pra ser alguém na vida, e que ele arrume um bom emprego, bem mais pra frente e que ele me ajude.” (A.25, 19 anos)*

*Ah um futuro bom, que ele seja alguém, que se forme em alguma coisa.” (A.27, 16 anos)*

É clara a importância da formação na vida profissional, e isso pode ser através de curso profissionalizante, faculdade, formação à distância, independente da área que você escolher. O fato é que o estudo se torna fundamental para uma boa vida profissional, sendo que este pode possibilitar uma qualidade de vida melhor para qualquer indivíduo. É desta forma que estas adolescentes valorizam a questão do estudo e da faculdade, já que para elas, essa seria uma das maneiras para que seus filhos tenham um bom futuro.

Ao compreender que as novas competências profissionais são requeridas continuamente, e que, portanto torna-se necessário que os indivíduos visem o aprimoramento de seus desempenhos por meio da aquisição de novos conhecimentos, habilidades e atitudes, isso os leva a uma busca por aquisição e compartilhamento de novos conhecimentos, por meios de processos de formação e qualificação profissionais constantes que se tornam cada vez mais necessários (BRAUER et al., 2009). Essa seria a visão difundida acerca da importância dos estudos, pois a constante qualificação profissional, a não interrupção do processo de aprendizagem e formação acadêmica, necessariamente levam o indivíduo a ser um candidato com maiores possibilidades no mercado de trabalho.

Sobre a Tabela 03 também podemos encontrar a categoria “Promover uma vida melhor para o filho” conforme expresso por 07 (8,2%) das adolescentes. Sobre a categoria podemos destacar as falas abaixo:

*“Aí melhor, mas... Até porque assim, nunca parei pra pensar nisso, mas agora, eu quero o melhor e vou fazer de tudo pra dar o melhor pra ela. Eu penso em trabalhar, para dar todo conforto pra ela, e o melhor estudo.” (A.2, 17 anos) “Aí o melhor possível... Tudo que, tudo o que ele precisar eu vou me esforçar para dar pra ele.” (A.12, 18 anos) “Um futuro bom... Que eu pudesse ter bastantes condições, para dar tudo o que ele quer. Um futuro bom, digamos.” (A.13, 18 anos)*

De alguma forma é como se estes filhos lhe dessem força para continuar lutando na vida, como também ter novos objetivos para lutar. O que nos leva a refletir se esta gestação não poderia ser considerada um ponto positivo em sua vida, sobre este aspecto de levar em conta o desejo de promover uma vida melhor para o seu filho e conseqüentemente para ela.

Uma categoria citada por duas adolescentes foi “Que ele cresça em outro bairro diferente deste”, ou seja, nestas falas as adolescentes deixam claro que não gostariam que seus

filhos crescessem naquele bairro, por acreditar que ali ele não teria um futuro bom, e também pelos altos índices de violência que o bairro apresenta.

*“... Aí eu preferia ir para centro porque lá não é a mesma coisa que aqui, eu sei que lá também têm bandidos, têm drogas, têm traficantes, mas é bem menos que aqui, eu sei que também vai ter perigo, mas menos perigo que aqui, vai ter bem menos perigo que aqui.” (A.32, 17 anos)*

Nessa fala é possível observar a forma como esta participante, destaca a questão da violência com a presença de bandidos e traficantes, e que apesar do perigo que ela encontraria se morasse no centro, não seria tanto quanto no bairro em que atualmente reside, e por isso o desejo de migrar para outra área da cidade.

**Tabela 04** – Possíveis mudanças que ocorreram nas adolescentes

| Com a chegada deste filho sente que mudou alguma coisa em você? | n %       |
|---|-----------|
| Tornou-se mais responsável                                      | 29 (61,8) |
| Não houve mudança   | 07 (14,8) |
| Sentimento de ser mulher e mãe                                  | 04 (08,5) |
| Aumento da irritabilidade                                       | 03 (06,3) |
| Melhorou o relacionamento com sua mãe                           | 02 (04,3) |
| Saiu das ruas/drogas  | 02 (04,3) |
| Total   | 47 (100)  |

Fonte: dados da Pesquisa.

A Tabela 04 esta relacionada à questão sobre as mudanças que ocorreram na adolescente com a vinda desta criança, onde 29 (61,8%) das entrevistadas relataram que se tornaram mais responsáveis e 07(14,8%) não houve mudança.

*“Mudou, porque agora eu estou mais cabeça, agora não é uma boneca é uma criança e eu tenho que ter responsabilidade com ela.” (A.7, 16 anos) “Tenho mais comprometimento, mais segurança assim, estou mais objetiva nas coisas que quero, eles me fizeram bem.” (A.18, 18 anos) “O modo de a gente agir, o pensamento da gente, a gente amadurece mais, nossa a gente fica bem diferente, ela veio pra me fazer mudar, crescer, amadurecer eu acho.” (A.19, 18 anos) “Pra mim não mudou nada, ainda sou a mesma.” (A.41, 15 anos)*

É importante deixar claro que nesta categoria nenhuma das adolescentes destacou a responsabilidade e o amadurecimento como um fator negativo. Por mais responsabilidade que exigisse os cuidados da gestação e de um filho, algumas delas se sentiam preparadas para isso, e valorizavam essa mudança em sua vida, no entanto, isso nos faz refletir que foi num ato de irresponsabilidade que tal mudança ocorreu.

As outras categorias da Tabela 04 apresentaram porcentagens menores e se destacam: “Sentimentos de ser mulher e mãe” conforme colocada por 04 (8,5%) das participantes, e “Aumento da irritabilidade” neste período de gravidez com 03 (6,3%).

Sobre os sentimentos de ser mulher e mãe é importante destacar que nas classes populares, constata-se uma valorização no papel da maternidade, onde ser mãe equivale a assumir um novo status social, o de ser mulher, pois é através do filho que estas jovens se sentem mães e mulheres. Dessa forma, pode se dizer que a função social feminina está relacionada à maternidade, ou seja, ser mulher, para essas adolescentes, equivale a ser mãe (SOARES e LOPES, 2011).

Na Tabela 04, há a categoria “Saiu das ruas/drogas” a qual apresentou-se em 02 (4,3%) gestantes. Damos destaque nesta categoria sobre a mudança positiva que esta gestação gerou na vida desta adolescente:

*“É me deixou mais madura, me fez sair da rua também, eu tava só na rua, não parava dentro de casa, e agora que ela nasceu eu já paro mais dentro de casa. Ela mudou a minha vida pra melhor.” (A.5, 15 anos) “Sim, mudei só em uma coisa eu não fumo mais maconha.” (A.15, 13 anos)*

De acordo com Cerqueira-Santos et al. (2010) a transição ecológica advinda da gravidez, força a adolescente a assumir outro papel em suas relações interpessoais e promove o seu engajamento na nova atividade de ser mãe e manter o cuidado de seu filho. Nesse sentido, a gravidez acaba por funcionar como um fator protetor para a adolescente, e esta proteção pode ser justificado tanto pelo plano de vida que passa a adquirir no interior da família e que lhe permite atuar sobre suas circunstâncias, diminuindo as adversidades e dificuldades de que tende ser alvo.

A gestação e a vinda deste filho acabam por mudar alguns aspectos na vida destas adolescentes para melhor. Esse fator foi destacado pela maioria das entrevistadas, e sob esse ponto de vista a gestação na adolescência passa a adquirir uma perspectiva positiva sobre o futuro destas jovens.

## Considerações Finais

O objetivo desta pesquisa foi atingido, possibilitando-nos a conhecer as perspectivas de futuro destas jovens, que na grande maioria, esta baseada no desejo de casar, estudar e trabalhar. A gestação lhes gerou amadurecimento e responsabilidade, sendo estes os pontos positivos em sua vida. Com relação ao futuro de seus filhos, estas priorizam a questão do estudo, o desejo de que eles terminassem aquilo que não conseguiram, para que tenham melhores condições econômicas no futuro.

Apesar dos pontos destacados, sugerem-se novas pesquisas nesta área, com intuito de compreender o porquê do desejo de casar por parte das adolescentes e quais são suas crenças em relação a isso? Será que foi este desejo que possibilitou uma gestação precoce? Por que o desejo de que os filhos estudem, sendo que elas não priorizaram isso para o seu futuro? Existem certas incógnitas que necessitam de esclarecimento, onde provavelmente a resposta seja mais complexa do que o esperado.

## Referências

BRAUER, S.; ABBAD, G.; ZERBINI, T. Características da clientela e barreiras à conclusão de um curso a distância. **Psico-USF (Impr.)**, Itatiba, v. 14, n. 3, p. 317-328, Dec. 2009.

BRUNO, Z. V. et al. Reincidência de gravidez em adolescentes. **Rev. Bras. Ginecol. Obstet.**, Rio de Janeiro, v. 31, n. 10, p. 480-484, Oct. 2009.

CERQUEIRA-SANTOS, E. et al. Gravidez na adolescência: análise contextual de risco e proteção. **Psicol. estud.**, Maringá, v. 15, n. 1, p. 72-85, Mar. 2010.

ESTEVES, J. R.; MENANDRO, P. R. M. Trajetórias de vida: repercussões da maternidade adolescente na biografia de mulheres que viveram tal experiência. **Estud. psicol. (Natal)**, Natal, v. 10, n. 3, p. 363-370, Dec. 2005.

FERREIRA, E. B. et al. Causas predisponentes à gestação entre adolescentes. **Revista de Pesquisa Cuidado é Fundamental Online**, v. 6, n. 4, p. 1571-1579, 2014.

GYESAW, N. Y. K.; ANKOMAH, A. Experiences of pregnancy and motherhood among teenage mothers in a suburb of Accra, Ghana: a qualitative study. **International journal of women's health**, v. 5, p. 773, 2013.

HARRIS, M. B.; ALLGOOD, J. G. Adolescent pregnancy prevention: Choosing an effective program that fits. **Children and Youth Services Review**, v. 31, n. 12, p. 1314-1320, 2009.

MARTINEZ, E. Z. et al. Gravidez na adolescência e características socioeconômicas dos municípios do Estado de São Paulo, Brasil: análise espacial. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 27, n. 5, p. 855-867, May 2011.

MORAIS, F. R. R. et al. Conhecimentos e expectativas de adolescentes nuligestas acerca do parto. **Psicol. estud.**, Maringá, v. 17, n. 2, p. 287-295, June 2012.

MOREIRA, M. C.; SARRIERA, J. C. Preditores de saúde e bem-estar psicológico em adolescentes gestantes. **Psico-USF (Impr.)**, Itatiba, v. 11, n. 1, p. 07-15, June 2006.

MOREIRA, R. L. C. A.; RASERA, E. F. Maternidades: os repertórios interpretativos utilizados para descrevê-las. **Psicol. Soc.**, Florianópolis, v. 22, n. 3, p. 529-537, Dec. 2010.

NERY, I. S. et al. Reincidência da gravidez em adolescentes de Teresina, PI, Brasil. **Rev. bras. enferm.**, Brasília, v. 64, n. 1, p. 31-37, Feb. 2011.

SANTOS, J. D. O. et al. Perfil das adolescentes com reincidência de gravidez assistidas no setor público de Indaiatuba (SP). **J. Health Sci. Inst**, 2009.

SOARES, J. D. S. F.; LOPES, M. J. M. Biografias de gravidez e maternidade na adolescência em assentamentos rurais no Rio Grande do Sul. **Rev. esc. enferm. USP**, São Paulo, v. 45, n. 4, p. 802-810, Aug. 2011.

DE SOUZA, T. A. et al. Gravidez na adolescência: percepções, comportamentos e experiências de familiares. **Revista da Rede de Enfermagem do Nordeste**, v. 13, n. 4, p. 794-804, 2012.

STENGEL, M.; TOZO, S. M. P. S. Projetos afetivo-sexuais por adolescentes e seus pais. **Pesqui. prá. psicossociais**, v. 5, n. 1, p. 72-82, 2010.

ZHOU, Y.; PURADIREDA, D. I.; ABEL, G. Truancy and teenage pregnancy in English adolescent girls: can we identify those at risk?. **Journal of Public Health**, v. 38, n. 2, p. 323-329, 2015.



#### **Como citar este artigo (Formato ABNT):**

FELIPE, Daiane Fernandes; CARETTA, Luciane Bisognin; TUON, Lisiane; SIMÕES, Priscyla Waleska Targino de Azevedo; NUNES, Rafael Zaneripe de Souza; AMBONI, Graziela; GOMES, Karin Martins. Gestação na Adolescência: As Perspectivas de Futuro destas Jovens Mães. **Id on Line Rev.Mult. Psic.**, Dezembro/2019, vol.13, n.48, p. 1-16. ISSN: 1981-1179.

Recebido: 02/12/2019

Aceito: 06/12/2019